

O que aí vem...

Por Mário Soares

Estamos no último mês do ano de 2007. Os portugueses devem-se preparar para um 2008 difícil, no plano económico, geo-político, social e ambiental. Não por razões endógenas mas, sobretudo, exógenas: as grandes transformações que estão a ocorrer na América do Norte e também, em menor grau, na União Europeia. Mas também, obviamente, em todo o Oriente Médio, na Rússia, na China, em África e por aí adiante...

Explico melhor. Há sinais iniludíveis de que a América caminha para uma recessão: a queda do dólar, que arrasta consigo a fuga dos investimentos estrangeiros dos bancos americanos; o aumento do desemprego e da inflação; a subida imparável do preço do petróleo; o aumento da miséria, em redor dos grandes centros urbanos, nas duas costas, tendo como consequência um enorme mal-estar social e étnico (os hispa e os afro-americanos, por exemplo), que aliás também cresce em vários países europeus, dos quais a França de Sarkozy está a ser, infelizmente, um exemplo paradigmático.

A União Europeia, mais protegida pelo seu mercado interno e pelo valor em alta do euro, vai contudo sofrer as consequências da recessão americana nos Estados Unidos. Depende, em parte, da extensão desta. Bem como a China, entre os países emergentes, com a quantidade imensa de títulos do Tesouro americano, em grande baixa, sem petróleo e com milhões de bocas a alimentar, com os preços dos alimentos a subir e com crescentes exigências.

O pior, contudo, é a falta de rumo geo-político, social e ambiental, com que o Mundo parece estar ainda confrontado. Com complicações suplementares, que parecem estar a surgir, em toda a parte, da Rússia à Ibero América, da China ao Oriente Médio, Paquistão, Líbano, Afeganistão, Irão... 2008 será o ano final do mandato de Bush, em que as grandes decisões, tão necessárias, ficam em suspenso, com os olhos postos na eleição presidencial. E essa situação, de inevitável paragem, também afecta o Mundo.

Admito que Bush tenha feito um último esforço, para obter dividendos na reunião que convocou, entre Israel e a Palestina, e se realizou em Anápolis. O seu desejo principal era sair bem da fotografia. E saiu. Porém, dificilmente, iremos assistir a mudanças inovadoras e positivas. O imbróglcio continua e a ausência do Hamas, pelo lado palestino e dos fundamentalistas judaicos, por Israel, não augura nada de bom, para a paz, entre dos dois velhos rivais, na guerra mais ou menos cruel, desde há sessenta anos.

Apesar da intransigência do Irão, em matéria nuclear, não creio, que Bush tenha força política e militar – e aliados – para atacar o Irão. Seria, de resto, uma tragédia que o fizesse. Mas as ameaças recíprocas irão agravar-se.

Tudo isto tem a ver com a União Europeia e, indirectamente, com Portugal. A nossa Presidência tem sido um êxito. Incontestável! As Cimeiras da União com o Brasil, com a Rússia, com a China correram com cordialidade e bem. Veremos os resultados. O Tratado de Lisboa, será assinado, unanimemente, pelos 27 Estados membros: é um passo fundamental. Esperemos que a Cimeira União Europeia África, abandone a retórica vazia e habitual das boas intenções e traga resultados palpáveis e vantajosos para ambas as partes. Será bem necessário!

E, assim, chegaremos, com dignidade e prestígio, a 2008. Contudo, no plano interno, as glórias que se obtêm em matéria de política externa, tenho essa experiência, contam pouco. E o ano que aí vem, não será bom, para nós, por razões não nossas mas exógenas, repito. Há que acautelar o desgaste social, que retomar o diálogo sindical. Que, passada a euforia natalícia, fazer baixar o ambiente de críspação e pessimismo que está a instalar-se. Para podermos fazer frente – em paz e progresso – ao que aí vem. Quem avisa, caros Amigos socialistas, vosso amigo é...

Lisboa, 6 de Dezembro de 2007